

**LUIS FERNANDO VERISSIMO:
ESTUDO DAS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS
NAS CRÔNICAS PUBLICADAS NO JORNAL *O GLOBO***

Nathália Rocha dos Santos (UniFOA)
nathalia_rsantos@hotmail.com

1. Introdução

Os estudos linguísticos sobre a argumentação não são recentes. Desde a Grécia Antiga já se discutia a importância do domínio da expressão verbal na oratória, uma vez que os gregos, adeptos do regime democrático, teriam de apresentar e defender publicamente suas ideias. As escolas criaram, inclusive, disciplinas que ensinavam técnicas para dominar a palavra de maneira convincente e elegante. Dentre essas disciplinas, destacava-se a retórica.

Filósofos como Sócrates e Platão escreveram sobre o assunto. Porém, coube a Aristóteles sistematizar esse estudo, encarando a retórica como uma arte de provas que visava a descobrir os meios de persuasão possíveis para vários argumentos. Em seu livro *Arte Retórica* (ARISTÓTELES, s./d.), obra clássica utilizada como referência nos estudos argumentativos, ele ensina como o orador deve proceder para levar o auditório à persuasão desejada através da revelação do verossímil, ou seja, “aquilo que se constitui em verdade a partir de sua própria lógica” (CITELLI, 2007, p. 15).

Com o passar dos séculos, as funções da retórica foram modificadas. As técnicas discursivas e persuasivas foram deixadas de lado e, até o final do século XIX, esse estudo estava vinculado apenas ao embelezamento do texto. Forneciam-se mecanismos com o intuito de tornar o discurso mais bonito, fazendo uso de figuras de linguagem, por exemplo, enquanto que as ideias eram insuficientes. Dessa forma, essa concepção estética fez com que a retórica perdesse seu prestígio.

Na segunda metade do século XX, houve uma renovação da retórica, marcada por estudos voltados para análise do discurso, semiótica argumentativa, entre outros, os quais foram responsáveis por sua reabilitação. Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca retomam

a teoria clássica aristotélica e escrevem *O Tratado da Argumentação* (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996), em que destacam, entre outros, os esquemas argumentativos e a relação entre quem sustenta uma tese e quem a recebe, considerando os procedimentos discursivos que podem ou não transformar essa relação. Esses autores buscavam mostrar os meios discursivos utilizados pelo enunciatador para obter a adesão dos espíritos (auditório), utilizando-se do conceito social de linguagem, descrita como forma de ação e interação.

No meio acadêmico brasileiro, os estudos argumentativos ganharam força com linguistas como Ingedore G. V. Koch, responsável por um estudo pioneiro sobre argumentatividade em língua portuguesa. Koch considera a argumentação como parte integrante da língua e sua teoria será de grande relevância para este trabalho.

Com base nesses pressupostos teóricos e considerando a importância da argumentação para os estudos linguísticos, o presente projeto pretende analisar as estratégias argumentativas utilizadas por Luis Fernando Verissimo, tendo em vista a amplitude de elementos discursivos encontrados explícita e implicitamente na obra desse autor.

2. *Linguagem e discurso*

Ao longo desses anos, a linguagem humana tem sido concebida de diferentes maneiras. Koch (2007, p. 7), sintetiza três principais concepções: linguagem como representação do mundo e do pensamento; linguagem como instrumento de comunicação; linguagem como forma de ação ou interação.

Para a autora, na primeira concepção – a mais antiga – “o homem representa para si o mundo através da linguagem”, que é considerada como um espelho. Já na segunda concepção, a linguagem é vista como uma ferramenta, “um código através do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens”. Na terceira concepção, finalmente, a linguagem é vista como “lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos”.

Essa última concepção é defendida por teóricos como Bakhtin e Bronckart que, segundo Marcuschi (2005, p. 22), “tratam a língua em seus aspectos discursivos e enunciativos”, ou seja, veem-na como atividade social, privilegiada pelo aspecto funcional e interativo.

Por meio do discurso, definido por Fiorin (2007, p. 11) como “as combinações de elementos linguísticos usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo”, o homem interage socialmente, tenta exercer influência sobre o comportamento dos seus enunciatários ou faz com que compartilhem seu modo de pensar. Koch (1999, p. 19) diz que a neutralidade é apenas um mito, pois mesmo um discurso aparentemente ingênuo possui enunciados de uma determinada força argumentativa.

Desse modo, a linguagem é vista como forma de ação, dotada de ideologia e intencionalidade, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade. É nessa perspectiva que Koch (2007, p. 29) afirma que “o uso da linguagem é essencialmente argumentativo”.

3. *Argumentação*

Segundo Abreu (2007, p. 25), “argumentar é a arte de convencer e persuadir”. O convencimento se dá, no plano das ideias, quando gerenciamos uma informação, com demonstrações e provas, para mudar a opinião do outro. Já a persuasão se estabelece, no plano das emoções, quando sensibilizamos o outro a fazer o que desejamos.

Através da argumentação, considerada por Koch (1999, p. 19) como “ato linguístico fundamental”, um sujeito tenta influenciar seu auditório através de um discurso ideológico. Dessa forma, a argumentação não pode ser confundida com a dissertação, uma vez que esta é impessoal e limita-se à exposição de ideias alheias.

De acordo com Oliveira (1999), um texto (ou fragmento de texto) argumentativo é aquele em que predomina o modo argumentativo de organização do discurso, ou seja, contém uma afirmação sobre o mundo (tese do argumentador), resultante de uma tomada de

posição do argumentador com relação à tese proposta, e um ou mais argumentos que levam o sujeito-alvo da argumentação à adesão.

Abreu (2007) considera quatro condições fundamentais para a argumentação. A primeira condição é definir uma tese assim como saber para que tipo de problema ela funcionará como resposta. A segunda condição da argumentação é o uso de uma linguagem comum com o auditório, na qual ele consiga se identificar, ou seja, o enunciador deve se adaptar às condições do auditório. A terceira condição é estabelecer um contato positivo com o auditório, uma vez que argumentação também implica em gerenciar relação. Finalmente, a quarta condição da argumentação é agir de forma ética, ou seja, argumentar de forma honesta e transparente e não manipular o auditório, garantindo a credibilidade no processo argumentativo.

Ainda sobre a argumentação, Haliday (1990, p. 34) faz o seguinte comentário:

A fim de conseguir que alguém mude de opinião ou deixe de acreditar em uma coisa para acreditar noutra, um comunicador bem preparado tenta, primeiramente, recriar na mente do outro experiências pertinentes a sua argumentação. Depois, tenta transformar o modo como seu público percebe o assunto e, ao mesmo tempo, justificar aquilo que é apresentado como verdade.

Para Aristóteles (s./d., p. 139), primeiro filósofo a expor uma teoria da argumentação, “usamos os discursos persuasivos para provocar um juízo, pois não há necessidade de discursos para os pontos que conhecemos e sobre os quais já temos juízo formado”.

Em seu *Tratado da Argumentação*, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 50) afirmam que o objetivo de toda argumentação é aumentar a adesão dos espíritos às teses apresentadas. Para os autores,

Uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar a intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno.

3.1. Estratégias argumentativas

Para que a argumentação se desenvolva com sucesso, o sujeito argumentante deve escolher estratégias discursivas que fortaleçam seu discurso. De acordo com Fiorin (2007, p. 18),

Há no discurso, então, o campo de manipulação consciente e o da determinação inconsciente. A sintaxe discursiva é o campo da manipulação consciente. Neste, o falante lança mão de estratégias argumentativas e de outros procedimentos da sintaxe discursiva para criar efeitos de sentido de verdade ou de realidade com vista a convencer seu interlocutor.

As estratégias argumentativas apresentam-se nos mais variados gêneros discursivos, apoiando-se em recursos linguísticos que constroem e reforçam sua eficácia. São todos os recursos (verbais e não verbais) utilizados para envolver o interlocutor, para convencê-lo e persuadi-lo mais facilmente.

Como exemplos de estratégias argumentativas podemos citar os tempos verbais, a seleção lexical, a utilização de máximas e ditados populares, o silogismo, a polifonia, a repetição, a exemplificação, os advérbios e as expressões atitudinais, as figuras de linguagem, os operadores argumentativos, o humor, entre outros.

4. O gênero textual crônica

A palavra crônica tem origem no latim (*chronica*) e, tradicionalmente, “é a compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo” (HOUAISS e VILLAR, 2009, p. 577). Os primeiros cronistas se limitavam a registrar fatos verídicos e nobres. Com o desenvolvimento da imprensa, a crônica passou a ser escrita para os jornais, sendo a primeira publicada, em 1799, no parisiense *Journal de Débats*.

Esse gênero escolhido para nossa pesquisa é caracterizado pelo estilo descontraído, por situar-se entre o jornalismo e a literatura. De um lado, o cronista tem como matéria-prima os fatos do cotidiano; de outro, usa a subjetividade, sua visão de mundo, com uma linguagem artística que engloba desde o sentimentalismo até o humor, a sátira.

A crônica é um texto curto, geralmente escrito em primeira pessoa e com uma linguagem coloquial que está, segundo Sá (1997, p. 11), “mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito”. Para o autor,

O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como o elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância.

É ainda Sá (1997, p. 79) quem diz que “a crônica – apesar de toda a sua aparente simplicidade – só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo a sua significação”.

Em geral, existem três tipos de crônicas: crônica lírica ou poética, crônica-ensaio e crônica de humor. O primeiro tipo, cujo maior nome é Rubem Braga, é caracterizado pela linguagem poética e metafórica em que o autor extravasa sua alma lírica diante de episódios sentimentais. O segundo tipo apresenta uma visão abertamente crítica da realidade cultural, social e ideológica e tem Arnaldo Jabor como representante. Já o terceiro tipo apresenta uma visão irônica ou cômica dos fatos em forma de um comentário, ou de um relato curto, e tem como nome mais conhecido atualmente Luis Fernando Veríssimo.

Quanto à forma, o discurso pode ser organizado de vários modos (enunciativo, narrativo, descritivo e argumentativo), sem a predominância de um modo específico.

Enfim, trata-se de um gênero que tem como principal finalidade divertir seu leitor. Por isso, atualmente é bastante lido e quase sempre o jornal ou revista lhe reserva o mesmo espaço para publicação, facilitando, assim, que o leitor o encontre.

5. *Análise do corpus*

A análise proposta segue orientações de Koch (1999) e, para exemplificarmos, selecionamos a crônica intitulada “Haja Urubu”, escrita por Luís Fernando Veríssimo e publicada no jornal *O Globo*

em 21 de junho de 2010, durante a cobertura da Copa do Mundo de Futebol de 2010.

Haja urubu

Li que a Real Sociedade para a Proteção de Pássaros está preocupada com o declínio da população de urubus da África do Sul. Segundo uma velha crença, fumar os miolos defumados de um urubu dá o poder de prever o futuro. Depois de alguns dos primeiros resultados surpreendentes desta Copa, começando com a derrota da Espanha diante da Suíça, teria aumentado o consumo de miolos de urubu e, conseqüentemente, diminuído a quantidade de urubus nos céus da África do Sul. Deve ser grande o número de pessoas atrás do poder da clarividência para apostar em zebras ainda por vir. Depois que a Alemanha perdeu para a Sérvia, então, especula-se que tenha triplicado a demanda por miolos de urubu. O pior é que, como informa uma instituição chamada Truete de Espécies Selvagens Ameaçadas, setor aves de rapina, os urubus estariam sendo envenenados com substâncias que também fazem mal aos humanos. Assim, as inconstâncias desta Copa estariam ameaçando não apenas o prestígio de técnicos e jogadores consagrados como a população da África do Sul em geral, além do equilíbrio ecológico.

Pode-se imaginar como cresceria a procura por miolos defumados de urubu se Brasil e Costa do Marfim também tivessem um resultado, digamos, esdrúxulo. (“Esdrúxulo” é a palavra mais esdrúxula da língua portuguesa e a única que descreveria um empate ou uma derrota do Brasil no jogo de ontem). Seria um sinal de que literalmente qualquer coisa poderia acontecer nesta Copa, e alguém com a capacidade de ver o futuro e apostar no esdrúxulo faria uma fortuna. No primeiro tempo, andamos perto do impensável. A Costa do Marfim fez alguns ataques, enquanto que a única vez em que o Brasil entrou na área adversária foi no gol do Luís Fabiano. Mas aí aconteceu uma coisa curiosa: o Kaká se lembrou de como se joga futebol. Ele tinha esquecido. A cada bola que chegava nele, ele se perguntava “e agora?” Como é que se domina uma bola? O que é, mesmo, passe? No segundo tempo, então, houve o estalo. Tudo que o Kaká sabia voltou de repente, e o time se modificou. O segundo gol do Luís Fabiano foi com a ajuda do braço, certo, mas se não foi legal, foi justo. O Brasil merecia. E o gol do Elano foi de uma jogada de força e técnica pela beirada da área do Kaká, visivelmente eufórico por ter recuperado a memória.

Não foi uma vitória animadora, mas pelo menos continuamos imunes ao esdrúxulo que ronda esta Copa. E, acima de tudo, o Brasil não contribuiu para o aumento da mortalidade de urubus.

A leitura dessa crônica nos permite constatar que se trata de um texto argumentativo por predominar o modo argumentativo de organização do discurso. Nessa crônica, a narração é utilizada a serviço da argumentação.

Para fortalecer sua tese, que identificamos como “deve ser grande o número de pessoas atrás do poder da clarividência para apostar em zebras ainda por vir na copa”, Luís Fernando Veríssimo utiliza algumas estratégias argumentativas.

Logo no título, observamos a presença de uma expressão de valor interjetivo – “haja urubu” –, responsável por indicar uma percepção. De acordo com Koch (1999, p. 158), ao utilizar essa estratégia, o enunciador mostra que sua enunciação foi produzida de forma direta, uma vez que esse recurso caracteriza a fala como “algo inevitável, não sendo, pois suscetível de uma apreciação em termos de verdade ou falsidade”.

Os tempos verbais também são utilizados como estratégias argumentativas. No primeiro parágrafo, há predominância de verbos no presente do indicativo (está, deve, especula-se, informa, é). A escolha por esses verbos está relacionada ao fato de serem pertencentes ao mundo comentado, ou seja, revelam uma atitude de engajamento, comprometimento do enunciador. Segundo Koch (1999, p. 38), esses verbos são explicitamente argumentativos, uma vez que funcionam como “sinal de alerta para advertir o leitor de que se trata de algo que o afeta diretamente e de que o discurso exige a sua resposta”. Já no segundo e no terceiro parágrafos, foram empregados principalmente verbos no pretérito perfeito (andamos, fez, entrou, foi, aconteceu, lembrou etc.), os quais pertencem ao mundo narrado e foram escolhidos para que Veríssimo assumisse o papel de narrador visando à fundamentação de sua tese, já que é nesse momento em que ele relata ações antecedentes ao discurso – jogo entre as seleções brasileira e marfinense –, faz uma espécie de retrospectiva ao comentário. Há ainda o emprego de verbos no futuro do pretérito (cresceria, descreveria, seria, poderia, faria etc.) que, por sua vez, orientam no sentido de incerteza ou dúvida.

Outra estratégia utilizada nessa crônica é a argumentação por autoridade. Ao citar a tal velha crença – “fumar os miolos defumados de um urubu dá o poder de prever o futuro” –, Veríssimo reforça sua tese, pois indica que várias pessoas são adeptas a esse pensamento de prestígio. De acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 348), o argumento de autoridade “utiliza atos ou juízos de uma pes-

soa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”.

O emprego dos termos “Real Sociedade para a Proteção de Pássaros”, “Truste de Espécies Selvagens Ameaçadas” e “setor aves de rapina” também merece destaque. Estes foram criados por Verissimo e utilizados como entidades reais para darem maior credibilidade àquilo que defende.

O cronista ainda utiliza advérbios atitudinais (literalmente, visivelmente). Esses advérbios apresentam valor argumentativo, pois demonstram a convicção do enunciador.

Podemos observar a presença de operadores argumentativos (e, além de, acima de tudo, mas), responsáveis por introduzir argumentos favoráveis à tese. Já os marcadores conversacionais (aí, então, certo) foram empregados para aproximar o leitor do texto.

Por fim, destacamos a presença da ironia, uma das estratégias argumentativas mais utilizadas por Luis Fernando Verissimo em suas crônicas. Segundo Ducrot (*apud* KOCH, 1999, p. 154), “por meio da ironia, procura-se mostrar a falsidade de uma tese, utilizando em seu favor argumentos absurdos atribuídos aos defensores dessa tese”. Nessa crônica, a ironia aparece quando o autor afirma que Kaká havia se esquecido de como se joga futebol na primeira partida disputada pela seleção brasileira e que, somente no segundo jogo, contra a seleção da Costa do Marfim, o jogador recuperou sua memória. Essa afirmação aparece como desculpa pelo mau desempenho do jogador, reconhecido internacionalmente como um dos melhores jogadores de futebol, ridicularizando-o de forma a provocar o riso do leitor.

6. *Considerações finais*

Considerando que, ao fazer uso das estratégias argumentativas, o enunciador fortalece sua tese, Luís Fernando Verissimo utiliza em suas crônicas recursos como os tempos verbais, os argumentos de autoridade, os operadores argumentativos, a ironia, o humor, entre outros.

Ao empregar os tempos verbais, Verissimo sinaliza uma atitude de engajamento ou assume um papel de narrador a favor de sua

tese. Já os argumentos de autoridade são utilizados visando a um apoio de algo de prestígio.

Observamos que, através de operadores argumentativos, Veríssimo introduz argumentos que concordam com sua afirmação sobre o mundo, ou seja, sua tese.

A ironia e o humor são utilizados para provocar o riso, uma vez que sensibilizam o leitor. Ressalta-se que a ironia é empregada com certo cuidado, pois é necessário que o leitor tenha conhecimento suficiente para que ela cause o efeito pretendido.

Analisando as crônicas publicadas no jornal *O Globo*, percebemos que estas são descontraídas e apresentam um aspecto humorístico. Dessa forma, o cronista utiliza o humor e a ironia como estratégias argumentativas de maior relevância, visto que esses recursos ajudam-no a atingir diretamente à emoção do leitor, sendo fundamental para a persuasão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suarez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. Cotia: Ateliê, 2007.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.

GARCÍA, Cladir Costa Gabriel. Humor e argumentatividade nas relações entre imagem e texto. In: MOSCA, Lineide Salvador (Org.). *Discurso, argumentação e produção de sentido*. São Paulo: Humanitas, 2006.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. *O que é retórica*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. *Conjunções e argumentação em português*. Trabalho inédito escrito em 1999 e utilizado como material didático num minicurso ministrado na UERJ em 2001.

PERELMAN, Chaïm & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1997.